

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E ENSINO HÍBRIDO: DESAFIOS E TENDÊNCIAS

DISTANCE EDUCATION, EMERGENCY REMOTE TEACHING AND HYBRID TEACHING: CHALLENGES AND TRENDS

Laura Wunsch

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Leandro Krug Wives

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Silvane Gema Mocellin Petrin

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Silvia de Oliveira Kist

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO. O presente artigo tem como objetivo empreender uma discussão a respeito do cenário educacional, sobretudo, no que se refere à Educação a Distância (EaD), ao Ensino Remoto Emergencial (ERE) e ao Ensino Híbrido. Nesse sentido, tensiona-se olhar para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo como recorte temporal os anos 2020, 2021 e 2022 a fim de refletir sobre a experiência do Ensino Remoto Emergencial. Ademais, procura-se problematizar a emergência do Ensino Híbrido - temática bastante discutida em nível nacional a partir das experiências com o ERE - bem como do retorno às atividades presenciais nas instituições de ensino superior. Em termos metodológicos, este trabalho compreende uma abordagem qualitativa, tendo em vista que se buscou, a partir de uma revisão de literatura, discutir acerca de determinadas compreensões sobre EaD, ERE e Ensino Híbrido. Observou-se que, com o retorno das atividades presenciais, no ano de 2022, as práticas docentes não condizem com as adotadas anteriormente ao ERE, tampouco com as vinculadas à Educação a Distância. São práticas que emergem tendo como centralidade a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e adoção de aulas síncronas, sinalizando a emergência do ensino híbrido que vincula aos processos de ensino e aprendizagem, não apenas a utilização das TICs, como também a profusão de diversas metodologias, dentre elas as metodologias ativas.

Palavras-chave: Educação a Distância. Ensino Remoto Emergencial. Ensino Híbrido.

ABSTRACT. This article aims to undertake a discussion about the educational scenario, especially with regard to Distance Education (EaD), Emergency Remote Teaching (ERE) and

Hybrid Teaching. In this sense, it is tense to look at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul having the years 2020, 2021 and 2022 as a time frame in order to reflect on the experience of Emergency Remote Teaching. In addition, we problematize the possibility of emergence of Blended Learning - a topic that is widely discussed at a national level based on the experiences with the ERE - as well as the return to face-to-face activities in higher education institutions. In methodological terms, this work comprises a qualitative approach, considering that it sought, from a literature review, to discuss certain understandings about EaD, ERE and Blended Teaching. It was observed that, with the return of face-to-face activities, in 2022, teaching practices do not match those adopted prior to the ERE, nor with Distance Education. These are practices that emerge with the use of Information and Communication Technologies (ICTs) and synchronous class as a centrality, signaling the emergence of hybrid teaching that links to the teaching and learning processes not only the use of ICTs, but also the profusion of different methodologies, among them active methodologies.

Keywords: Distance Education. Emergency Remote Teaching. Blended Teaching.

1 INTRODUÇÃO

O cenário educacional tem se modificado de forma intensa, sobretudo a partir de 2020, em decorrência da Pandemia do Coronavírus, que instaurou uma crise sem precedentes. Paiva (2020, p. 2) argumenta que “A sociedade está em constante processo de transformação, pois o sistema aprende com as experiências ao longo do tempo, se retroalimenta e evolui para sobreviver” e, em vista disso, novos elementos inserem-se no sistema, provocando “pequenas ou grandes perturbações e a emergência de novos comportamentos”. Assim, novos arranjos são organizados e novas metodologias são incorporadas no sistema educacional.

Os novos arranjos e novas metodologias têm se constituído a partir da compreensão de que os espaços educacionais (presenciais ou virtuais) “não podem prescindir de saberes e práticas vinculados ao uso e apropriação de tecnologias digitais” (ARRUDA, 2020, p. 260). Portanto, propomos discutir a respeito do cenário educacional, sobretudo em relação à EaD, ao ERE e ao Ensino Híbrido. Tencionamos olhar para a no intervalo de 2020 a 2022, a fim de refletir sobre a experiência do ERE, suas relações com a EaD, problematizando a emergência do Ensino Híbrido. Metodologicamente, este trabalho compreende uma abordagem qualitativa, tendo em vista que se buscou, a partir de uma revisão de literatura, discutir sobre as referidas temáticas.

2 ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E EAD: ATRAVESSAMENTOS CONCEITUAIS

Embora a situação pandêmica que vivenciamos seja instada na saúde pública, espalhou-se em áreas como a social, a econômica e a educacional. A necessidade de isolamento populacional fez com que o uso das tecnologias assumisse a centralidade nos processos educativos, sendo que “[...] Esta

paralisação compulsória trouxe, inevitavelmente, ao centro do debate educacional, o uso das tecnologias educacionais para realização de atividades escolares não presenciais [...]” (VIEIRA; RICCI, 2020, p.1).

Em virtude disso, muitas instituições de ensino superior adotaram o ERE como possibilidade para dar continuidade às suas atividades acadêmicas. Paiva (2020, p. 66) observa que, nas universidades públicas, a adoção do ERE se deu de modo mais lento, pois houve certa resistência dos discentes e docentes para aderirem “ [...] ao ensino on-line, apesar de a internet não ser um mundo estranho” às essas instituições. Para a autora, a terminologia ERE, EaD e Ensino on-line emergem “como forma de combater o preconceito contra qualquer forma de ensino que não seja o presencial” (PAIVA, 2020, p. 58) uma vez que [...] “a guerra de terminologias e o uso do ERE são uma atitude defensiva, um pedido de desculpas antecipado sobre algo que pode não dar certo, uma forma de se evitar o preconceito contra o EaD, ou, como querem outros, Educação on-line” (PAIVA, 2020, p. 63).

Embora exista uma “guerra de terminologias”, conforme sinaliza Paiva (2020), outros autores procuram diferenciar o que se configurou como ERE e o que diz respeito à EaD. Arruda (2020, p. 265) destaca que “Atender, por meio de tecnologias digitais, alunos afetados pelo fechamento das escolas, não é a mesma coisa que implantar Educação a Distância”, embora esteja se referindo - tecnicamente e conceitualmente - à tecnologia como mediadora do ensino e da aprendizagem. Salaria que a EaD envolve questões que se relacionam a um planejamento anterior, o qual considera o perfil do docente bem como do discente, e que essa modalidade de ensino requer:

[...] desenvolvimento a médio e longo prazo de estratégias de ensino e aprendizagem que levem em consideração as dimensões síncronas e assíncronas da EaD, envolve a participação de diferentes profissionais para o desenvolvimento de produtos que tenham, além da qualidade pedagógica, qualidade estética que é elaborada por profissionais que

apoiam o professor na edição de materiais diversos [...]”. (ARRUDA, 2020, p. 265).

Desse modo, Arruda (2020) diferencia o ERE de EaD, na medida em que destaca o caráter emergencial sobre o qual a educação remota on-line digital se constitui. O ERE, consoante o autor, se utiliza e se apropria de “[...] tecnologias em circunstâncias específicas de atendimento onde outrora existia regularmente a educação presencial”. Hodges et al. (2020, n.p.), por sua vez, ao discorrerem sobre o ERE, enfatizam que “[...] o objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas, sim, fornece acesso temporário à instrução e suporte educacional “[...] durante uma emergência ou crise”. Nesse sentido argumentam que:

A aprendizagem online carrega o estigma de ser de qualidade inferior à aprendizagem presencial, apesar de pesquisas mostrarem o contrário. Esses movimentos apressados on-line por tantas instituições de uma vez poderiam selar a percepção da aprendizagem online como uma opção fraca, quando na verdade, ninguém fazendo a transição para o ensino on-line nessas circunstâncias estará realmente projetando para tirar o máximo proveito das possibilidades [...] do formato online.

3 ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA UFRGS

Assim como muitas instituições públicas de ensino superior brasileiras, a UFRGS levou alguns meses após a implantação das restrições sanitárias de enfrentamento da Pandemia para organizar alternativas ao ensino presencial. Em 27 de julho de 2020 a Universidade instituiu o Ensino Remoto Emergencial, organizado de forma específica e com regramento diferenciado para o período pandêmico, utilizando-se dos recursos tecnológicos disponíveis na Instituição.

A Resolução UFRGS (2020) previa, além de normativas acadêmicas e organizacionais, definições de cunho pedagógico, tais como a previsão de atividades síncronas e assíncronas, com utilização das TICs, preferencialmente

adaptadas aos dispositivos móveis, gravação das atividades síncronas e realização de avaliações assíncronas, prioritariamente. A Secretaria de Educação da UFRGS, em função da sua trajetória na promoção da Educação a Distância na Universidade, teve um papel fundamental no sentido de propiciar condições para que as atividades acadêmicas e administrativas fossem desenvolvidas no espaço virtual. Segundo Kist (2021), foram adotadas medidas para prover a infraestrutura, com vistas a ampliar os serviços tecnológicos disponibilizados pela Universidade; foram desenvolvidas ações de suporte técnico e pedagógico e de formação pedagógica, envolvendo a oferta de capacitações, a organização de eventos e a ampliação da oferta de Massive Open Online Courses (MOOCs).

A fim de emitir orientações para a observância e cumprimento da normativa relacionada ao ERE na UFRGS foi estabelecida uma Comissão de Acompanhamento do Ensino Remoto Emergencial, constituída por membros representantes da comunidade acadêmica. Ademais, elaborou instrumentos de avaliação - questionários - contemplando questões que abrangeram aspectos sobre a situação individual de trabalho e estudos remotos, nível de capacitação para uso das TICs, recursos técnicos e tecnológicos disponíveis, ambiente e interferências decorrentes da situação da Pandemia, entre outras. Os questionários foram respondidos pelo público interno da UFRGS (alunos, técnicos e professores).

Apesar dos desafios enfrentados pela instituição para a implementação e continuidade das atividades acadêmicas a serem desenvolvidas de forma remota, alguns avanços relacionados à EaD e ao uso das TICs foram identificados: os recursos educacionais digitais, anteriormente disponibilizados de forma mais restrita aos cursos EaD, foram amplamente difundidos entre docentes e discentes, assim como ferramentas técnicas relacionadas ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA); as webconferências

foram aprimoradas e ampliadas pelos setores responsáveis na Universidade. Da mesma forma, as aulas síncronas, realizadas por meio de sistemas de webconferência, foram amplamente adotadas, mostrando-se muito efetivas em vários contextos. As videoaulas, que tradicionalmente compõem o material didático dos cursos a distância, apresentaram-se como um potencial pedagógico relevante para o apoio aos estudantes na apropriação dos conteúdos. A adoção de métodos e práticas pedagógicas flexíveis, alternando momentos presenciais com atividades em diferentes tempos e espaços, também foi uma prática muito presente no ERE e vem se destacando como uma tendência passível de ser incorporada ao contexto do retorno às aulas presenciais.

4 ENSINO HÍBRIDO: TENDÊNCIAS PARA CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO

As experiências vivenciadas durante o ERE, decorrentes de aulas viabilizadas pelos meios digitais, tensionaram algumas concepções e práticas pedagógicas, até então consolidadas. A rejeição às aulas a distância perdeu força, posicionando a EaD como uma possibilidade para várias áreas do conhecimento. Contudo, observa-se que ainda há alguma resistência, embora a busca por modelos alternativos ou híbridos passou a ser uma constante nas práticas docentes.

O ensino híbrido não se caracteriza como uma novidade no sistema educacional haja vista que existem muitas teorizações acerca deste tema. Contudo, observa-se que determinadas discussões teóricas sobre o ensino híbrido emergiram com mais intensidade a partir do retorno às atividades presenciais nas instituições de ensino, após o período crítico da Pandemia. Pontua-se que não há unanimidade quanto à definição das terminologias ensino híbrido, ou educação híbrida, ou ainda aprendizagem híbrida de forma

que Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015, p. 52) sublinham que é possível encontrar definições distintas na literatura para conceituar o ensino híbrido. Embora sejam encontradas uma variedade de definições, os autores argumentam que existem aproximações entre elas, pois “[...] apresentam, de forma geral, a convergência de dois modelos de aprendizagem: o modelo presencial, em que o processo ocorre em sala de aula, como vem sendo realizado há tempos, e o modelo on-line, que utiliza as tecnologias digitais para promover o ensino”.

Moran (2015) argumenta que a educação sempre foi misturada, híbrida, combinando vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos e atualmente, com a mobilidade e conectividade, torna-se muito mais perceptível, um ecossistema mais aberto e criativo. Para Horn e Staker (2015, p. 34) ensino híbrido é “[...] qualquer programa educacional formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou ritmo”.

Atento a essa tendência, o Conselho Nacional de Educação (CNE) elaborou e disponibilizou para consulta pública um projeto de resolução para instituir as Diretrizes Gerais Nacionais para a Aprendizagem Híbrida (BRASIL, 2021, p. 14). Com base nesta consulta, o CNE elaborou o Parecer nº 14 de 2022¹, em que apresenta o projeto de resolução que institui Diretrizes Nacionais Gerais para o desenvolvimento do processo híbrido de ensino e aprendizagem na Educação Superior. O projeto de resolução, em seu artigo 2º, discorre sobre o processo híbrido de aprendizagem, destacando:

O processo híbrido de ensino e aprendizagem caracteriza-se como abordagem metodológica flexível, organizado a partir de TICs, ativo e inovador que oriente a atividade docente e formas diversas de ensino e aprendizado, destinado à formação por competências estimulando a autonomia e o protagonismo dos estudantes e o aprendizado

¹ Disponível em <https://link.ufms.br/cm72N>. Acesso em 31 de julho de 2023. Aprovado em 05 de julho de 2022, aguardando homologação na data da consulta ao documento.

colaborativo, permitindo integrar às atividades presenciais a interação virtual de espaços de aprendizagem. (BRASIL, 2022, p.12)

O Parecer nº 14 de 2022 enfatiza que essa nova abordagem educacional híbrida “[...] não se confunde com a Educação a Distância [...], pois a

[...] educação híbrida, deve-se proporcionar a todas as modalidades de ensino, inclusive na EaD, sua aplicação como fator de geração de novas pedagogias associadas às tecnologias que apoiam a flexibilização do processo de ensino e aprendizagem. O fato de a EaD já adotar mediações tecnológicas, não alcança as perspectivas de desenvolvimento pedagógico, expresso na flexibilidade e na diversidade das formas de aprendizado e nos procedimentos de ensino, orientação ou acompanhamento docente. (BRASIL, 2022, p. 4).

Observa-se que a educação híbrida tem se inserido no ensino superior, sendo que, no que se refere à Pós-graduação, foi aprovada pelo Ministério da Educação e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de nível superior - CAPES a utilização do processo híbrido de ensino e aprendizagem pelos programas de pós-graduação stricto sensu no Brasil, por meio da portaria Nº 315/2022 (Brasil, 2002).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2022, momento em que a obrigatoriedade do retorno às atividades presenciais nas Universidades Públicas, foi marcado por muitas incertezas. Em várias situações, as tecnologias digitais foram adotadas apenas como meio para transpor a aula que era ministrada na modalidade de ensino presencial. Em outras, a utilização das TICs contribuíram para a emergência de experiências exitosas - consideradas tão ou mais interessantes do que as práticas vivenciadas nas aulas presenciais. Nessa esteira, Moran (2013) sinaliza “ [...] as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaços e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas

entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarem conectados a distância”. Além disso, Arruda (2020, p. 260) discute que “[...] a formação das novas gerações [...] não pode prescindir de saberes e práticas vinculadas ao uso e apropriação de tecnologias digitais. Caso contrário, a tecnologia torna-se um paliativo para atender situações emergenciais”.

Diante do exposto, compreendemos que a Pandemia da Covid-19 instaurou o caos no sistema educacional fazendo com que fosse necessário repensar, discutir e criar outras práticas educacionais. Concordamos com Paiva (2020) quando argumenta que a crise pandêmica fez com que emergissem diversas experiências educacionais. Apostamos na ideia de que não há como nos desvencilhar dessa gama de experiências educacionais que foram gestadas durante a Pandemia, tampouco, há como se retornar às formas de ensino anteriores a esta. O desafio consiste em retornar ao ensino presencial com a bagagem de vivências no espaço virtual e encontrar meios para ressignificar essa experiência adquirida.

Observa-se que essas práticas educativas pós-pandêmicas não condizem com as normativas do ensino presencial, tampouco com as da EaD; emergem tendo como centralidade a utilização das TICs nos processos de ensino/aprendizagem. Em virtude dessa centralidade, nos parece que não há como identificar os limites entre ensino presencial e EaD, uma vez que estão cada vez mais tênues e que ambos foram modificados em decorrência da utilização das TICs. Assim, compreendemos que estamos diante de novos modos de nos relacionarmos com os processos de ensino e aprendizagem, os quais estão sendo (re)significados tanto no ensino presencial quanto na EaD. Sobretudo, compreendemos que estamos diante da emergência de novas formas de ensino.

6 REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede: Revista de educação a distância**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/6GEg7>. Acesso em: 23 julho 2023.
- BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 47-65.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, n. 53, p. 39, 18 mar. 2020a. Disponível em: <https://link.ufms.br/bkWmT>. 18/03/2020. Acesso em: 24 julho 2023..
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes gerais sobre aprendizagem híbrida**. Brasília, DF: MEC, [2021]. Disponível em: <https://link.ufms.br/xjihC> . Acesso em: 17 julho 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para o Ensino e Aprendizado por competências e para a pesquisa institucional presenciais, mediados por tecnologias de informação e comunicação**. Brasília, DF: MEC, [2022]. Disponível em: <https://link.ufms.br/cm72N>. Acesso em: 17 julho 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível superior. Portaria Nº 315, de 30 de dezembro de 2022. **Diário Oficial da União**: Seção 1. Brasília, DF: MEC, [2022]. Disponível em: <https://link.ufms.br/AZmT3> . Acesso em: 30 julho 2023.
- HODGES, Charles et al. The difference between emergency remote teaching and online learning. **Educause review**, Boulder, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/CBgXt> . Acesso em: 25 maio 2020.
- HORN, Michael B.; STAKER, Hearther. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso. 2015.
- KIST, Silvia de Oliveira; WUNSCH, Laura; AMBROSINI, Anelise Bueno; WIVES, Leandro. Contribuições da EaD ao Ensino Remoto Emergencial na Universidade Federal do Rio Grande do Sul . In: XVIII Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância - ESUD, 2021, Natal, RN. **Anais ESUD 2021** Educação, Tecnologia e

Silvane Gema Mocellin Petrini, Silvia de Oliveira Kist, Laura Wunsch e Leandro Krug Wives

Resiliência Social: o que aprendemos com a pandemia. Natal, RN: SEDIS-UFRN, 2021. Disponível em: <https://link.ufms.br/Qtr7t>. Acesso em: 14 julho 2023.

MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-45.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. rev. atual. Campinas: Papirus, 2013.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Ensino remoto ou ensino a distância: efeitos da pandemia. **Estudos Universitários: revista de cultura**, Recife, v. 37, n.1-2, p. 58-70, dez. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/z5Ryf>. Acesso em: 14 julho 2023.

Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPE. **Resolução nº 025, de 27 de julho de 2020**, 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/Gg4P0>. Acesso em: 14 julho 2023.

VEIRA, Letícia; RICCI, C. C. Maíke. Educação em tempos de pandemia: soluções emergenciais pelo mundo. **Observatório do Ensino Médio em Santa Catarina** (OEMESC): editorial mensal, p. 1-5, abr. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/I4yxb>. Acesso em: 10 julho 2023.

Sobre os autores

Silvane Gema Mocellin Petrini

Mestra em Educação e Técnica em Assuntos Educacionais - SEAD/UFRGS
E-mail : silvane.petrini@sead.ufrgs.br

Silvia Kist de Oliveira

Doutora em Educação e Coordenadora Acadêmica - SEAD/UFRGS
E-mail: silvia.kist@sead.ufrgs.br

Laura Wunsch

Mestra em Educação e Técnica em Assuntos Educacionais - SEAD/UFRGS
E-mail: laura.wunsch@sead.ufrgs.br

Leandro Krug Wives

Secretário de Educação a Distância e Professor Titular do Instituto de Informática da UFRGS

E-mail: leandro.wives@sead.ufrgs.br

Licença de acesso livre



A **ESUD | CIESUD** utiliza a [Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), pois acredita na importância do movimento do acesso aberto ao conhecimento.